

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

**BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI**

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ZOOLOGIA

N.º 11

Fevereiro de 1958

**I. LACERTÍLIOS DA AMAZÔNIA**

Sobre a ocorrência do gênero *Bachia* Gray, 1845, na Amazônia  
Brasileira

(*Lacertilia - Teiidae*)

OSVALDO RODRIGUES DA CUNHA  
Museu Goeldi

Com esta publicação, tencionamos dar início a uma série de trabalhos sobre a fauna de lacertílios da Província Amazônica, que tem sido mui deficientemente estudada, principalmente no que diz respeito ao número de lagartos conhecidos, pois até agora foram apenas catalogadas mais ou menos umas 50 espécies. Afrânio do Amaral (Boletim do Museu Goeldi, tomo X, p. 110, 1949), fazendo o levantamento dos lacertílios do Pará, escreve o seguinte sobre o assunto: "Essa baixa representação, que está seguramente longe de corresponder à realidade, pode dimanar de fatores de ordem antropogeográfica, ou de natureza herpo-ecológica". O autor logo a seguir faz ligeiras considerações em torno destes fatores que êle acredita, sejam de relevante importância para se compreender os motivos da baixa representação, de lagartos conhecidos. Achamos mais viável o segundo fator que é de natureza herpeto-ecológica, e no qual se incluem os hábitos esquisitos de muitas formas de lacertílios. Encontramos, por exemplo, muitas espécies que possuem exclusivamente hábi-

H. BARRA  
Praça Barão de Guajará, 22  
Fone 3548  
Belém - Pará - Brasil

tos subterrâneos, e que dificilmente procuram a superfície. Muitos destes sáurios são quase cegos, de aspecto serpenti-forme, e desprovidos de membros locomotores. Constituem formas degradadas, incluindo-se aí, os componentes da família Amphisbaenidae, Anguidae, Scincidae, e os importantes gêneros *Bachia*, *Ophiognomon* e *Scolecocaurus*, da extensa família Teiidae.

Nesse grupo natural encontramos representantes do gênero *Bachia*, espalhados por várias zonas da região Neotropical, porém nunca anteriormente assinalados em território brasileiro. Neste trabalho notificamos pela primeira vez na Amazônia brasileira e ocorrência da espécie *Bachia cophias* (Schneider, 1801).

#### NOTAS E OBSERVAÇÕES

A ocorrência deste gênero na Amazônia brasileira, já é um motivo de suficiente interesse para justificar a publicação destas notas. Dêse modo procuraremos entrar em detalhes, porém mui ligeiramente, sobre o histórico do gênero e alguns dados sobre a sua, até então confusa sistemática. Vários autores em diversas épocas têm estudado estas formas singulares de sáurios ápodos. Seguindo a ordem cronológica, dentre os mais antigos e importantes, temos Schneider (1801); Daudin (1802); Fitzinger (1843); Gray (1845); Donaterre (1879); Boulenger (1885); Werner (1900); Noble (1921); Ruthven (1925); Burt & Burt (1931); Loveridge (1933); Afrânio do Amaral (1935); Beebe (1944); e finalmente Brongersma em 1946. Diversas classificações foram propostas por estes herpetologistas, para um perfeito arrançamento sistemático destes lacertílios serpentiniformes. Em 1879, Bonaterre descreveu e denominou esta forma como *Chalcides flavescens*. Esta denominação porém não foi reconhecida, pelos autores modernos.

Boulenger, em 1885 reuniu todas as espécies no gênero *Cophias*, já anteriormente criado por Fitzinger (1843). Aquele autor dividiu as espécies em 2 grupos: os de escamas qua-

drangulares e os de escamas hexagonais. No primeiro se incluía a espécie em questão — *Cophias flavescens* Bonaterre — *Bachia cophias* (Schneider, 1801).

Afrânio do Amaral num trabalho intitulado “Novo gênero e espécie de lagarto do Brasil”, publicado nas Memórias do Instituto Butantan, tomo IX, 1935, escreve o seguinte: “A propósito deste grupo de lacertílios, parece-me que se devam separar em 2 gêneros as espécies incluídas por Boulenger (in Cat. Liz. Brit. Mus., vol. II: 417, 1885), sob o nome de *Cophias*: de um lado as providas de escamas dorsais hexagonais e imbricadas, tais como *dorbignyi* e *heteropus* e que corresponderiam ao gênero *Cophias* Fitzinger, para cujo tipo Fitzinger (in Sistema Reptilium: 22, 1843), escolheu a espécie *dorbignyi*; de outro lado, aquelas espécies cujas escamas são quadrangulares e juxtapostas e que correnpondem ao gênero *Chalcides* Daudin, para cujo tipo Fitzinger (loc. cit.) escolheu a espécie *schlegeli*, que é sinônima de *tridactylus*”.

Essa classificação proposta por Afrânio do Amaral, não foi aceita pelos modernos herpetologistas. Efetivamente, segundo o dr. L. D. Brongersma, em recente nota acêrca dos componentes do gênero *Bachia* (Some notes en species of the genera *Bachia* and *Scolecocaurus*, Leyden, 1946) explanou em rápidas linhas a posição sistemática definitiva: “I have not followed Amaral (1935, pp. 249 - 250), who divides the genus into two genera *Cophias* and *Chalcides*. It escaped Amaral's notice that *Cophias* Fitzinger, 1843, is preoccupied by *Cophias* Merrem, 1820, while *Chalcides* Daudin, 1801 or 1802 (an. X — 22. IX, 1801 — 21. IX. 1802), is preoccupied by *Chalcides* Laurenti, 1768”. Mais adiante, o mesmo autor, refere que são conhecidas atualmente cêrca de 12 espécies, arranjadas neste gênero, segundo lista feita por Burt & Burt (1931, pp. 315-316).

Brongersma, discutindo ainda o assunto, e escrevendo no mesmo trabalho sobre a explanação de A. de Amaral, diz que: “Perhaps *Apatelus breslaui* Amaral (1925) must be referred to *Bachia* to, Roux (1929), Burt & Burt (1931) and Loveridge (1933), published notes on the variation of several characters,

and these authors showed that the variation is greater than had been previously supposed by Ruthven (1925)".

Em 1925, Ruthven, apresentou uma classificação muito simples, englobando 12 espécies esparsas num único gênero, *Bachia* de Gray. Atualmente é a classificação mais aceita, não só por ser mais cômoda, como pelo arranjo sistemático que melhor se ajustou. Esse autor dividiu o gênero *Bachia*, apenas para facilitar ainda mais, em 2 grupos como o fez Boulenger, isto é, grupo *Cophias* e grupo *Dorbigny*, separando assim as espécies que possuem ou não *interparietal*. Igualmente Charles Burt & May Burt publicaram um trabalho (South American Lizards in the collection of the American Museum of Nat. History, 1931, vol. 61), no qual aceitaram sem modificações a classificação dos lacertílios do gênero *Bachia* Gray, apresentada por Ruthven, em 1925.

E, como anteriormente referimos, o dr. L. Brongersma (loc. c. 1946) também aceitou aquela solução, fazendo unicamente revalidar nomes, acrescentar ou mencionar as variações existentes nos indivíduos desse gênero. De acordo com os estudos mais aprofundados que se vêm realizando, sobre as variações e hábitos destes lagartos, algumas espécies fundiram-se numa só, por serem sinónimas ou por apresentarem caracteres idênticos.

Sobre a afinidade existente entre as espécies desse gênero, Burt & Burt (loc. c. 1931) analisaram mais ou menos claramente, o assunto em foco, dentro das seguintes referências: "*Bachia parkeri* Ruthven (1925), based on specimens from British Guiana and Colombia, is apparently very close to *Bachia cophias* of the range. In Ruthven's key the two forms were separated as follows:

- One supraoculars; fore limb with three unclawed digits; hind limb undivided; body scale-rows 26 to 28 longitudinal, and 50 to 51 transverse.  
..... *parkeri*.

- Two supraoculars; fore limb three (or four, Boulenger)) unclawed digits; hind limb undivided; body-scale-rows 30 longitudinal and 47 to 50 transverse..... *cophias*

Em seguida os mesmos autores, informam, baseados em alguns espécimens da coleção do Museu Americano de Hist. Natural, que a evolução do gênero *Bachia*, como em toda a família Teiidae, aquêla apresenta tendências claras para a redução do número de escudos cefálicos. Este fato é ilustrado pela perda de uma ou duas supraoculares em todas as espécies do grupo *cophias*; porém afirmam eles, que a espécie *tridactyla*, é provavelmente o mais primitivo membro, mas apresenta total ausência no grupo *dorbignyi*. Além disso nesse último grupo, o frontonasal torna-se cada vez menor, até que na espécie *peruana*, oferece uma significativa aproximação ao gênero *Ophiognomon* e *Scolecosaururus*, que lhes são afins.

Por último escrevem os autores referidos: "Therefore, it seen that the random appearance of specimens with only a single supraoculars in the general, wide-ranging population of *cophias* may be evolutionary or phylogenetic significance rather than of specific value". Eles acharam que existe grande semelhança entre os dois grupos, e mais ainda variações individuais que ocorrem nos membros do gênero *Bachia*.

O estudo que ora realizamos, foi baseado apenas num único exemplar adulto e perfeito. As variações encontradas, foram mínimas apesar de tal ocorrer num indivíduo que foi capturado em local bem distante, das regiões das espécies tipos originais, isto é, rio Tapajós (perto de Itaituba), contra as distantes localidades tipos das Guianas, Venezuela e Colômbia.

Afrânio do Amaral (loc. c.), descreveu um lacertílio com os característicos do gênero *Bachia*, considerando um gênero e espécie novos. O exemplar havia sido capturado no Estado de S. Paulo, anos antes. Ele designou de *Apatelus* o novo gênero, e *breslaui* a espécie. Tal indivíduo, apresenta 4 membros

rudimentares; escamas hexagonais e imbricadas; interparietal presente; poros preanais presentes, embora indistintos, etc.. Não duvidamos que esta forma se relacione ao gênero *Bachia*, por apresentar comuns caracteres, segundo nos afirma o dr. Brongersma. Provavelmente *Apatelus bresloui* Amaral, 1935, é um simples membro deste interessante gênero.

Assim, de conformidade com os dados que possuímos, o gênero *Bachia* parece apresentar uma área de dispersão maior do que se julgava, na região Neotropical. Possivelmente com contínuas explorações nêsse terreno, o problema de sua distribuição ficará esclarecido. Ele se estende desde a América Central, descendo pela América do Sul, principalmente regiões ocidentais, até mais ou menos o paralelo de 30 graus. Ao contrário, o gênero *Ophiognomon*, que é afim àquêle, ocupa uma área muito mais restrita, situada no Alto Amazonas e Equador, além do território brasileiro, pelo menos até o presente, *Scolecocaurus* tem maior distribuição, pelo Panamá, Colômbia, Venezuela e Antilhas.

#### DESCRIÇÃO E NOTAS SOBRE A ESPÉCIE

Subórden *LACERTILIA*

Família *TEIIDAE*

Gênero *BACHIA* Gray, 1845

#### *Bachia cophias* (Schneider, 1801)

- 1801 — *Chamaesaura cophias* Schneider, Hist. Amph. part. 2, p. 209 (localidade tipo desconhecida).  
 1802 — *Chalcides monodactylus* Daudin, Reptil. IV. p. 370.  
 1885 — *Cophias flavescens* Boulenger, Catalog. Lig. Brit. Mus. 2nd ed. vol. 2, p. 418:  
 1925 — *Bachia cophias* Ruthven, Proc. Bost. Soc. Nat. Hist. vol. 38, p. 109.  
 1933 — *Bachia cophias* Burt & Burt, Transact. Acad. Science, St. Louis, vol. 28, p. 56.  
 1944 — *Bachia cophia* Beebe, Zoologica, vol. 30, part. III. pp. 7-32.  
 1946 — *Bachia cophias* Brongersma, Zoolog. Mededeel. Leyden. pp. 237-246.

Apresentamos a seguir a descrição de Boulenger no original (Catalog. Liz. in Brit. Mus. vol. II, p. 417, 1885), para ser após confrontada, com as que fazemos do exemplar em estudo:

"Fore limb with three or four digital tubercles, hind limb undivided. Frontonasal trapezoid, nearly as broad as long; frontal large, pentagonal, longer than broad; parietals large; no interparietal; two supraoculars; nasal twice as broad as deep; loreal shorter, but a little deeper than the latter; two infraorbitals, anterior triangular and wedged in between the third and fourth labials; temporal shields five; five upper labials, fifth largest; four lower labials; chin-shields, one anterior and two pairs, the first pair forming a suture. Scales quadrangular, juxtaposed, narrow on the back and sides, broader on the belly; thirty scales round the middle of the body and fifty from occiput to base of tail. A pair of enlarged pectoral shields. Praeanals elongate, three, the median sometimes divided into two. Male with two praeanal pores on each sides. Tail obtuse at the end, covered with scales like those of the body. Brown back lighter, with two or three longitudinal darker lines.

Total length, 120 mm; head, 7 mm; width of head, 4,5 mm; from end of snout to fore limb, 14 mm; from end of snout to vent, 63 mm; fore limb, 3 mm; hind, limb, 2,5 mm; tail, 5,7 mm.

Guianas; Venezuela, Caracas".

#### DIAGNOSE:

Apresenta a forma vermiforme ou serpentiforme, aliás, com melhor tendência para este último, o que é caracter peculiar do gênero. Os membros locomotores são rudimentares. Escamas lisas, não imbricadas e quadrangulares; não há interparietal. Póros preanais presentes. Cauda alongada obtusa.

#### CABEÇA:

Algo deprimida. Rostral pequeno, obtuso; frontonasal grande, hexagonal irregular, tão comprido como largo; parietais grandes; frontal grande, pentagonal irregular, mais com-

prido do que largo; interparietal ausente; 5 escudos temporais no lado esquerdo, e 6 no lado direito (há um escudo pequeno ímpar, central); 5 occipitais, mediana pequena e dividida; loreal grande, heptagonal; 2 supraoculares; 2 supraciliares; 2 infraorbitais; 5 escudos supralabiais e 5 sublabiais; preocular pequena; nasais grandes, quadrangulares, estreitos, fusionados, separados pelo frontanasal; narinas entre os nasais e a 1.<sup>a</sup> supralabial; mental sinfisial pequena, truncada; 5 escudos mentais, 1 anterior, maior, sulcado e 4 posteriores (postmentais); 6 gulares anteriores e 2 posteriores (postgulares), contíguos e juxtapostos; abertura auricular ausente; olhos mais ou menos pequenos, porém guardados com pálpebras bem desenvolvidas.

#### CORPO:

Aspecto serpentiforme. Apresenta 4 membros bastante rudimentares, os anteriores com 3 a 4 tubérculos digitiformes, extremamente pequenos; os posteriores mostram cerca de 3 tubérculos indistintos, muito menores que os outros. Escamas lisas, não imbricadas; dorsais, laterais e ventrais quadrangulares, justapostas longitudinalmente; ventrais largas, dorsais e laterais estreitas. Um par de escudos peitorais, grandes, largos e quadrangulares, seguidos de escudos menores, contíguos; póros preanais distintos, 2 de cada lado; 3 escudos preanais, grandes e dilatados; mediano maior, mais estreito, sulcado longitudinalmente. Cauda mais ou menos alongada, obtusa, com escamas iguais às do corpo, formando anéis.

#### COLORAÇÃO:

Pardacento em cima, com 3 estrias paralelas mais escuras, estendendo-se desde o occiput à base da cauda; lados pardoclaro com uma faixa escura nos flancos longitudinalmente, da nuca à cauda; no dorso 2 linhas amarelas em toda a extensão do corpo, desde os escudos temporais estendendo-se, e margeando as estrias escuras. Face ventral amarelada, levemente



Fig. 1 — *BACHIA COPHIAS* SCHNEIDER, (1801), aspecto geral para mostrar os membros anteriores e posteriores atrofiados. Tamanho natural.

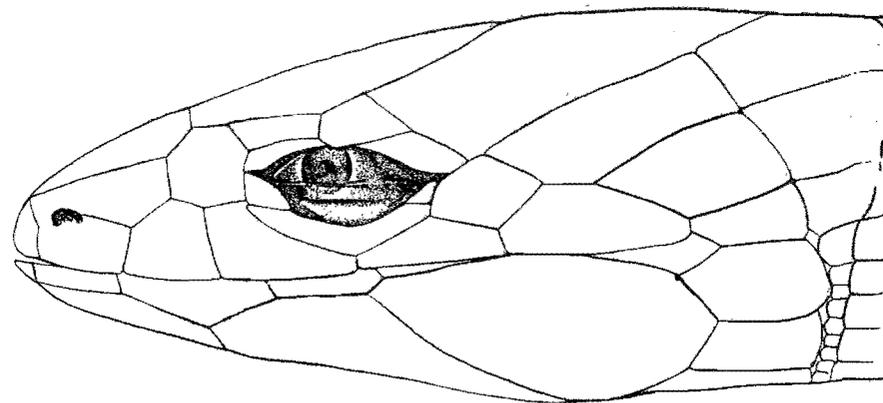


Fig. 2 — *BACHIA COPHIAS* SCHNEIDER, (1801), mostrando as escamas e escudos cefálicos. Aumentado aproximadamente 18 vezes.

manchada de pardo-claro; cauda e preanais lavadas de branco. Cabeça pardo-escuro, clareando para o frontal e parietais.

## DIMENSÕES:

*Número de escamas*

Escamas do occiput ao membro posterior....	45
Escudos ventrais das gulares aos peitorais....	7
Escudos ventrais dos peitorais às anais.....	35
Escamas ao redor do corpo.....	29
Escamas do occiput à base da cauda.....	47

*Medidas*

Comprimento total ....	135 mm.
Da cabeça e corpo....	52 mm.
Comprimento da cauda....	83 mm.
Da cabeça....	6 mm.
Largura da cabeça....	4 mm.
Membro anterior....	3 mm.
Membro posterior ....	2 mm.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA — O gênero *Bachia* apresenta larga distribuição dentro da região Neotropical, ocorrendo com relativa facilidade nas Guianas, Venezuela, Colômbia, Perú, Bolívia, Chile, etc. e bem como na América Central. Com a ocorrência agora na Amazônia brasileira, a sua distribuição ficará ainda mais dilatada. Os representantes deste gênero apresentam algumas variações, tanto em relação ao sexo, como em indivíduos, ocorrendo em regiões diferentes e afastadas. No exemplar em questão as variações são mínimas, apenas individuais, apesar da distância do local encontrado, com o habitat das espécies conhecidas. Brongersma cita variações nesta espécie, ocorrendo em vários exemplares de Museu de Amsterdam, apresentadas principalmente na foliose. Também aparecem ali exemplares com medidas exageradas.

O espécimen que ora estudamos, foi capturado pelo autor às margens do rio Tapajós, num lugar denominado "Moreira", logo abaixo de Itaitúba, em maio de 1951.

NOTAS ECOLÓGICAS — As condições ecológicas destes lacertílios, são de certa importância, pois revelam em grande parte o grau de evolução que possuem. Apresentam um habitat terrícola, caracterizando-se pelos hábitos subterrâneos, vivendo naturalmente sob folhas apodrecidas, em detritos do solo ou em galerias do subsolo. Preferem os lugares sombrios e úmidos, não alagados talvez. Apesar de apresentarem rudimentos de membros, possuem movimentos rápidos, sendo difícil sua captura, o que é sempre ocasional.

William Beebe, em um laboratório instalado em plena mata alcantilada da Venezuela, estudou as condições biológicas e ecológicas em cativeiro, de vários exemplares desta espécie, provenientes daquela área e de regiões limítrofes. O resultado destas pesquisas foi publicado na revista científica "Zoologica" (vol. 30, part. III, 1945).

O exemplar na ocasião da captura sofreu o processo de *autotomia*, partindo-se completamente a cauda do resto do corpo. Nas partes seccionadas, notam-se perfeitamente 8 feixes de músculos distribuídos simétrica e longitudinalmente, envolvendo em todo o comprimento a coluna vertebral. O seccionamento deu-se imediatamente abaixo da fenda anal. A esse respeito Brongersma, cita exemplares que apresentam cauda regenerada, ocasionado pelo seccionamento voluntário do animal.

COLEÇÃO — Um exemplar macho que se encontra depositado na coleção herpetológica do Museu Paraense Emílio Goeldi, sob o número 1. (\*)

(\*) — No momento em reorganização a coleção herpetológica do Museu Paraense Emílio Goeldi.

## SUMMARY

In the present paper is notified for the first time in the Brazilian amazon region, the occurrence of *Bachia cophias* (Schneider, 1801), an apod lizard of the Teiidae family. The autor gives a description of the only specimen collected, as well as, short notes on the geographic distribution and some ecological observations.

## BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, A.  
1935 — II. Novo gênero e espécie de lagarto do Brasil. *Memórias do Instituto Butantan*, Tomo IX, pp. 249 - 250.
- AMARAL, A.  
1937 — Lista Remissiva dos Lacertílios do Brasil. *Memórias do Instituto Butantan*, Tomo XI, pp. 167-203.
- AMARAL, A.  
1948 — Lacertílios do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Tomo X, pp. 107-114.
- BARBOUR, Thomas  
1926 — Reptiles and Amphibians. Adaptations of Lizards.
- BEEBE, William  
1945 — Field Notes on the Lizards of Kartabo, Brit. Guiana and Venezuela. *Zoologica*, vol. 30, part III, pp. 7-32.
- BOULENGER, G. A.  
1885 — Catalogue of the Lizards in British Museum. Vol. II, p. 417.
- BOULENGER, G. A.  
Reptiles and Amphibians. Cap. IV, Lacertilia.
- BRONGERSMA, L. D.  
1946 — Some Notes on Species of the genera *Bachia* and *Scolecocaurus*. *Zoologische Mededeelingen*, Leyden, pp. 237-246.
- BURT & Burt  
1931 — South American Lizards in the collection of the American Museum of Natural History. *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, vol. 61, pp. 315-323.

CRAWFORD, S.

1931 — Field keys to the Lizards and Amphibians of Brit. Guiana. *Annals of the Carnegie Museum*, vol. 21, pp. 11-42.

DITMARS, R.

1927 — Reptiles of the World, part III, Lacertilia.

DUNN, Emmet R.

1944 — Los Generos de Anfibios y Reptiles de Colombia, II. Segunda parte: Reptiles, Ordem de los Saurios. *Caldasia*, vol. 3, pp. 73-110, N.º 11.

HASEMAN, J. D.

1912 — Some factors of geographical distribution in South America. *Ann. N. Y. Acad. Sci.*, vol. 22, pp. 9-112.

MELO - LETTÃO, C.

1947 — Zoogeografia do Brasil, 2.<sup>a</sup> ed.

NOBLE, G. K.

1924 — Two new Lizards from Northwestern Peru. *Ann. N. Y. Acad. Sci.*, vol. 29, pp. 141-143.

RUTHVEN, A. G.

1925 — Lizards of the Genus *Bachia*. *Proc. Boston Soc. Nat. Hist.*, vol. 38, pp. 101-109. (Não consultado).

H. BARRA  
PRAÇA BARÃO DE GUAJARÁ, 22  
FONE 3548  
BELÉM - PARÁ - BRASIL

H. BARRA  
Barão de Guajará, 22 — Telefone: 3548  
Belém - Pará - Brasil